



Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

**Eixo temático: Serviço Social, relações de exploração/opressão e resistências de gênero,  
feminismos, raça/etnia, sexualidades**

**Sub-eixo: Relações Patriarcais de gênero, sexualidade, raça e etnia**

## **A INVASÃO EUROCÊNTRICA, POVOS ORIGINÁRIOS E ETNOCÍDIO DE SUAS CULTURAS**

**HANS REMBERTO QUELCA YANIQUE  
MARIA CLARA PEREIRA SOARES<sup>1</sup>**

### **RESUMO**

A história da América Latina, Abya Yala, destaca a diversidade da região antes e após a invasão ibérica. A Colonização resultou em violência, dominação e exploração, cujos efeitos persistem até hoje, estabelecendo um capitalismo periférico subordinado aos países imperialistas. Abordaremos os impactos contínuos da colonização, destacando o risco de desaparecimento das culturas indígenas.

**Palavras-chave:** Abya Yala, colonização, etnocídio indígena

### **ABSTRACT**

The history of Latin America, Abya Yala, highlights the diversity of the region before and after the Iberian invasion. Colonization resulted in violence, domination and exploitation, the effects of which persist to this day, establishing a peripheral capitalism subordinate to imperialist countries. We will address the ongoing impact of colonization, highlighting the risk of indigenous cultures disappearing.

**Keywords:** Abya Yala, colonization, indigenous ethnocide

### **Introdução**

A América Latina, ou melhor *Abya Yala*<sup>2</sup>, é um território diverso, vivo e rico, forjado,

---

<sup>1</sup> Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

<sup>2</sup> Segundo Tavares, o movimento indígena "buscando uma unidade" reivindica o nome Abya Yala, que era a denominação dada ao mundo conhecido pelo povo Kuna, da região do Panamá, para designar as três Américas. Esse nome, Abya Yala (terra do esplendor) passa a ser usado agora como um nome autóctone, pré-colombiano, unificando as Américas nas lutas contemporâneas.



Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

a partir da invasão ibérica e no decorrer de sua processualidade histórica, na violência, dominação e exploração, condição esta que perdura até a contemporaneidade.

Seus habitantes originários foram desapossados dos espaços que viviam, lócus de produção e reprodução social, cultural, de cosmovisões e modos de convivência com a natureza (CEPAL, 2015). Foram destituídos de seu território e formas de vida, dizimados em decorrência de conflitos com os invasores e/ou outros povos, exploração da força de trabalho e das doenças trazidas por eles.

A constituição de *Abya Yala* foi determinada, assim, por um capitalismo periférico subordinado ao imperialismo de países centrais, tendo como primeira expressão a invasão ibérica deste território e a consequente colonização a qual estabeleceu o poder político e econômico, a escravização e genocídio de povos indígenas e de negras/es/os africanas/es/os sequestradas/es/os, além da espoliação das riquezas naturais e da terra, e no cultivo de grandes plantações que foram transformadas em mercadorias direcionadas ao comércio externo, principalmente da Europa.

Também houve a sistemática dominação do modo de vida e da cultura dos povos originários através da destruição sumária de suas expressões culturais ou na imposição da ideologia dominante concernente à lógica do capital desses povos. Estima-se que, conforme Denevan apud Cepal, 47 milhões de pessoas habitavam esse território à época da invasão e que após 130 anos, a população diminuiu em 90%. Conforme os censos dos países que compõem a América Latina, estima-se uma população indígena de cerca de 45 milhões de pessoas em 2010 (Cepal, 2015). Destarte, no primeiro item recuperamos os aspectos históricos, econômicos e sociais da invasão colonial, mostrando os verdadeiros interesses dos Europeus no processo de colonização da América Latina.

No segundo item contextualizamos o território de *Abya Yala* e seus habitantes originários antes da invasão dos europeus provenientes da península ibérica, bem como seus modos de organização social, de vida e de vinculação com a natureza. No terceiro apresentamos alguns números do reflexo da invasão no território indígena, discorrendo sobre epistemicídio, etnocídio da cultura dos povos indígenas, até os dias de hoje, apresentando o risco ainda de desaparecimento.

## **1. Características da América Latina no contexto da invasão colonial**

Entendemos que recuperar os aspectos históricos, sociais e econômicos do período pautado na dinâmica do capitalismo mercantilista, característico dos séculos XV e XVI,



Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

evidenciando a figura e trajetória do navegador Cristóvão Colombo, retratado historicamente como o “Descobridor das Américas” são indispensáveis para a compreensão da realidade latino-americana nos dias atuais.

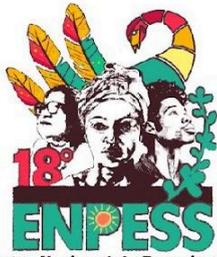
O processo de invasão da América, e colonização dos povos originários da América e África, atravessou a história, mudando os rumos das comunidades que já habitavam essas e aquelas regiões, sofrendo com o massacre, exploração e escravização, cujas consequências repercutem até os dias atuais.

Nas expressões corriqueiras da educação escolar, seja no ensino fundamental ou ensino médio, os livros de história colocam um fictício conto sobre o “descobrimento da América”, do que nomeamos de “mito de descobrimento”. Quase a totalidade da população, em algum momento da nossa trajetória escolar, acessamos essa informação falsa.

Segundo Galeano (2020) tudo começou assim: chamaram de “índios” e sequer conseguiram pronunciar bem o nome que lhes deram. Não conseguiram se preocupar com a origem, viram como inferiores, pois a pele não era igual a deles. Chamaram de pele vermelha, pois ela de fato fica avermelhada, igual carvão ardente exposta ao sol por muito tempo, ou em meio a reações corporais em contextos de tensão, como nervosismo, ou fúria. Neste primeiro momento, Brown (2004) também relata a cordialidade com que os povos originários receberam estes visitantes, mas nem imaginavam que chegariam mais deles em busca da expansão das bases geográficas e de população a ser explorada.

Galeano (2020) aponta que para o invasor Colombo, foi muito difícil compreender esta grande diversidade dos povos desta região que atualmente é chamada de América. O olhar de consumo trazido nessas caravelas era exorbitante, isso porque a diferença de outros navegadores que estavam focados na África e no Oriente nas suas navegações além de rotas conhecidas, Colombo aceitara desafios maiores, lançava-se à própria sorte, jogando-se na boca dos monstros do oceano, como especulado por navegadores portugueses. Ele queria se tornar o grande dominador dos oceanos, e amadurecer seu projeto de chegar na China pelo ocidente. No início, essa ambiciosa façanha foi recusada pelos reis de Portugal, no começo eles aceitaram todas as propostas, porém planejavam não cumprir nada do combinado.

Colombo zarpu de Palos, com 89 marinheiros, divididos em duas caravelas. Após



Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

trinta e três dias de navegação, somente uma destas caravelas chegou em terras da ilha de Guanahani aos 12 de outubro de 1492.

Era lógico que esses relatos de Colombo para com os reis e rainhas iria ser levado para defini-los como povos fracos, inofensivos e fáceis de dominar, de moldar para os costumes dos brancos europeus. Brown (2004) também relata como o colono invasor levaria os dez primeiros sequestrados daquela que futuramente seria chamada de América, apresentados como objetos de prova de que ele teria chegado a um lugar diferente. Um deles chegou a morrer assim que pisou em terras espanholas. Mas como era de se entender de um lugar fanático cristão, celebraram o fato de possibilitar a “entrada no céu ao primeiro índio”. Estes primeiros anfitriões seriam colocados para aprender os costumes dos colonizadores.

Depois do dia 12 de outubro de 1492, identificada como a data que iniciou a invasão da atual América, os seguintes dez anos seriam de devastação dos colonizadores e em menos de uma década “centenas de milhares de pessoas” seriam mortas, aldeias devastadas. Os *Tainos* e os *Arawak* relutaram a se converterem aos costumes religiosos Cristãos daqueles barbudos brancos. Porém, estes não teriam limite em devastar as aldeias, saquear, vender as crianças e as mulheres como escravas para os europeus. Nesse cenário, a comunicação demorava a chegar de aldeia para aldeia, de modo que os povos não sabiam simultaneamente acerca das barbáries cometidas pelos colonizadores.

Galeano (2020), conta como depois de três anos, Colombo, pessoalmente, comanda uma campanha contra os povos da atual chamada República Dominicana: contava com duzentos infantes e cães adestrados para essa invasão. A cada passo que davam, as comunidades originárias eram dizimadas. Tanto Brown (2004) como Galeano (2020) relatam que mais de quinhentas pessoas pertencentes aos povos originários foram levadas a Sevilha/Espanha para serem vendidas como escravas. Os relatos trazem que todas elas morreram cruelmente nos anos seguintes.

Lembremos que a Coroa Espanhola era cristã. No século XVI, depois de ver o massacre dos indígenas que foram levados para Espanha, em condição de escravos, eles determinaram que, antes de qualquer ação militar, teriam de ler uma exortação que dissesse que os indígenas deveriam se converter para a “santa fé católica”. Aqueles que não aceitassem, seriam castigados por Deus e submetidos ao seu poder. Era a



Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

fanática missão para o saqueio das comunidades.

Foi a partir desse saque das terras indígenas que chegamos aos dias de hoje, na constituição da América Latina como a conhecemos, na contemporaneidade. Mas existe um marco histórico, o processo de invasão, sequestro e matança de povos originários, que antes viviam em suas terras, as cultivavam e mantinham suas culturas, de forma livre, em comunidade, chamada *Abya Yala*.

## 2. *Abya Yala*

Considera-se que há cerca de 14 mil e 12 mil anos atrás ocorreu uma migração terrestre da Ásia ao continente americano através do Estreito de Bering. Há também hipóteses que indicam que houve entrada marítima por esta mesma localidade e outras que assinalam distintas possibilidades de rotas, de fontes populacionais e de períodos migratórios. Contudo, independente de que forma tenha ocorrido esse deslocamento, é importante salientar que a povoação desse continente traz uma trajetória/história compartilhada.

Antes da invasão dos europeus a *Abya Yala*, os modos de vida e de existência, de saberes, de práticas culturais, sistema de valores e visão de mundo dos povos originários deste território eram muito plurais, os quais se organizavam em povos - como os que habitavam o Brasil - até vastos impérios - como era o caso dos Maias, Incas e Astecas. Mas apesar disso, esses povos e impérios poderiam ser compreendidos dentro de uma unidade. Unidade na diversidade. Sua cosmovisão se fundamenta a partir da relação do ser humano genérico com a natureza, tanto que seus bens culturais, políticos, econômicos e sociais são profundamente vinculados à ela.

Referindo a Marx e Engels (2009), as formas de existência e de organização social se relacionam diretamente com a produção e reprodução da vida, para suprir suas necessidades e sobrevivência, as quais ocorrem através do metabolismo com a natureza, com ele próprio e com outrem, ontologicamente, através do trabalho<sup>3</sup>. “O

---

<sup>3</sup> Otrabalho é, antes de tudo, um processo entre o homem e a natureza, processo este em que o homem, por sua própria ação, medeia, regula e controla seu metabolismo com a natureza. (...). A fim de se apropriar da matéria natural de uma forma útil para sua própria vida, ele põe em movimento as forças naturais pertencentes a sua corporeidade: seus braços e pernas, cabeça e mãos. Agindo sobre a natureza externa e modificando-a por meio desse movimento, ele modifica, ao mesmo tempo, sua própria natureza. Ele desenvolve as potências que nela jazem latentes e submete o



Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

modo de produção da vida material condiciona o processo de vida social, política e intelectual” (MARX, 2008, p. 47).

Assim, tendo em vista o espaço físico que ocupavam, atravessados pelo clima e meio ambiente, os habitantes originários de *Abya Yala*, permeado pelo metabolismo com a natureza, produziam e reproduziam diferentes formas de organização e de sociabilidade.

Em regiões como o México e na extensão dos Andes, alguns povos constituíram civilizações ou estados teocráticos<sup>4</sup> através da dominação, opressão e a guerra, com uma organização institucional mais complexa, apresentando estratos sociais bem definidos, hierarquizados e distintos entre si. O governo do império centralizava-se numa figura dominante, geralmente o imperador. Outros povos, a exemplo do Brasil, viviam da caça, da pesca, da coleta e detinham meios de manuseio e de convivência com a floresta, mas, também, conviviam com conflitos por disputa de território. Eram sociedades mais simples e as aldeias não tinham grandes concentrações populacionais. Havia um cacique com papel de chefia e a organização social ocorria conforme uma divisão sexual do trabalho – homens caçavam, pescavam, construía instrumentos de trabalho etc. e as mulheres coletavam frutos e raízes, cozinhavam, cuidavam das crianças entre outras atividades. As atividades eram realizadas de maneira coletiva e os bens de consumo básico eram divididos entre toda a população.

Entretanto, havia uma unidade que compartilhavam,

o modo de uso do território era comunitário em praticamente todas as culturas, ainda que cada povo tivesse suas especificidades. A terra era um bem comum, pertencente a todos, e mesmo que em alguma cultura mais organizadas institucionalmente como a Asteca, Inca e Maia tivesse um soberano, o espaço de vida das famílias era de uso coletivo, com organização comunitária, desde as mais simples às mais organizadas (TAVARES, 2019, p. 90)

---

jogo de suas forças a seu próprio domínio. (...). No final do processo de trabalho, chega-se a um resultado que já estava presente na representação do trabalhador no início do processo, ou seja, um resultado que já existia idealmente. Isso não significa que ele se limite a uma alteração da forma do elemento natural; ele realiza neste último, ao mesmo tempo, a finalidade pretendida (...). Os momentos simples do processo de trabalho são, em primeiro lugar, a atividade orientada a um fim, ou o trabalho propriamente dito; em segundo lugar, seu objeto e, em terceiro, seus meios. (...). O processo de trabalho, como expusemos em seus momentos simples e abstratos, é atividade orientada a um fim – a produção de valores de uso –, apropriação do elemento natural para a satisfação de necessidades humanas, condição universal do metabolismo entre homem e natureza, perpétua condição natural da vida humana e, por conseguinte, independente de qualquer forma particular dessa vida, ou melhor, comum a todas as suas formas sociais (MARX, 2017, p. 255, 256, 261).

<sup>4</sup> A religião desses povos originários era politeísta, sendo seus deuses vinculados à natureza.



Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

Além da perspectiva de comunidade, onde tudo está em correspondência e não existe o “ser-em-si-mesmo” (TAVARES, 2019), e apesar de que alguns povos já terem desenvolvido suas forças produtivas, estabeleciam uma relação de equilíbrio com a natureza, não preconizando seu esgotamento e dominação. E nesse prisma, a ciência, as técnicas e os instrumentos se desenvolviam conforme a necessidade e questões postas pela vida material.

Assim como a sociabilidade dos povos originários, a concepção de mundo e o sagrado também se relacionavam à materialidade da vida e nas condições determinadas pelo território, ou seja, à produção e reprodução social, condicionando a sua consciência (MARX e ENGELS, 2009) pautada por narrativas míticas para a interpretação/representação de si e de sua cosmovisão.

Os povos originários, apesar de muitas singularidades, tinham uma identidade que os constituíam, tais como a “crença da materialidade do ser, na relação harmônica com a natureza, na reciprocidade, no uso comunitário da terra (...)” (TAVARES, 2019, p. 86), os quais foram exterminados com a invasão dos europeus da Península Ibérica, em 1492.

### **3. Genocídio e Etnocídio: Culturas e particularidades**

O genocídio foi grande no território da América Latina na colonização espanhola e portuguesa. Os europeus eram agressivos, violentos e massacraram os povos originários que ali habitavam, fazendo algumas etnias e culturas deixarem de existir.

Esses desumanos desolaram e destruíram mais de quatrocentas léguas de região muito fértil e nela províncias muito grandes e admiráveis, vales muito espaçosos, de 40 léguas, e burgos muito povoados. Assassinaram a muitas nações, tendo chegado mesmo a fazer desaparecer os idiomas por não haver ficado quem os falasse; excetuando-se alguns que se ocultavam em cavernas e nas entranhas da terra. Mataram e mandaram para o inferno, por crueldades de diversos feitios, mais de quatro ou cinco milhões de almas, e ainda hoje não cessam de fazer o mesmo com uma infinidade de injustiças, banditismos, matanças que fizeram e que fazem ainda. (LAS CASAS, 2008, p. 95)

Culturas acabadas, territórios devastados. Quando indígenas eram atacados por esses tiranos - chegavam com cavalos e espadas -, se não morressem, os que sobrevivessem eram capturados e vendidos como escravos, mas também se não servissem mais para essa finalidade, eram exterminados.

Na Europa se concentrou a ideia de dominação, tornando-se o centro do mundo em



Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

todos os aspectos: social, político, territorial e cultural. O epistemicídio é o apagamento do conhecimento de povos e culturas, conseqüentemente o etnocídio considera essas culturas como inferior à cultura europeia e portanto, tem-se a necessidade de apagar e exterminá-las.

A partir do momento que os colonizadores invadiram a América, encontraram indígenas que já viviam há muito tempo e tinham seus povoados populosos e organizados em cima do que eram seus costumes. Os europeus dominaram através da violência e extorsão de toda riqueza produzida na terra ou já extraídas pelos povos, montaram acampamentos e foram ocupando os territórios.

A província de Santa Maria era um país onde os índios tinham tudo cheio de ouro, sendo as terras, assim como suas vizinhas, bem ricas, e os habitantes industriosos na mineração do ouro. Isto deu causa a que, desde o ano de 1498 até o ano de 1542, tiranos diversos fossem continuamente com navios a praticar correrias nessa região, destruindo o paíóis, matando e roubando essa gente, apoderando-se do que tinham de ouro e voltando sempre a seus navios, que iam e vinham frequentes vezes. (LAS CASAS, 2008, p. 80)

As culturas desses povos eram diversas e avançadas para seu tempo. Os Astecas e Maias, por exemplo, eram etnias que tinham conhecimento de escritas e matemáticos criando calendário lunar, observado pela movimentação das luas.

Era uma sociedade bastante complexa, de alta tecnologia, capaz de construir cidades em lugares inusitados, como o vale úmido do que é hoje a cidade do México, vencendo a natureza. Tinham construções gigantescas e lugares de grande esplendor, como a grandiosa Tenotchtitlan, de mais de 250 mil habitantes. Também desenvolviam a escrita, marcando sua cultura nas pedras e nos calendários. (TAVARES, 2019 p. 99)

Os povos originários tem uma ligação muito forte espiritual, mística; se acreditava que os colonizadores chegando seriam mensageiros de Deus e com isso foram presenteá-los com ouros e especiarias, a partir daí os europeus colocaram a cobiça nessa intervenção, aproveitando para saquear e dominar diversos povos. Por essa crença mística, em muitos territórios, os indígenas eram pegos de surpresa e não se preparavam para sua defesa em ataques sangrentos à beira mar. Ainda que tenham povos que resistiram bravamente desde a primeira aparição dos europeus em suas terras.

Desde então demonstrou ser o mais eficaz e durável instrumento de dominação social universal, pois dele passou a depender outro igualmente

universal, no entanto mais antigo, o intersexual ou de gênero: os povos conquistados e dominados foram postos numa situação natural de inferioridade, e conseqüentemente também seus traços fenotípicos, bem como suas descobertas mentais e culturais. (QUIJANO, A. 2005 p. 118)

As doenças foram outro aspecto de muitas mortes de indígenas, trazidas pelos brancos, doenças só antes encontradas no continente Europeu, fez com que milhares fossem contaminados e dizimados.

O problema que levou ao fim de culturas, por exemplo, na Colômbia, hoje com estimado 2% de indígenas no país, e ainda 35 povos estão em risco de desaparecimento cultural ou físico.

Na Colômbia, a Corte Constitucional reconheceu a existência de 35 povos indígenas em risco de desaparecimento cultural ou físico, como consequência do conflito armado e das flagrantes violações aos direitos humanos fundamentais, individuais e coletivos. (CEPAL, 2015 p. 43)

Na atual chamada América não se tem dados exatos de quantas culturas se perderam neste processo de invasão. Segundo, Charles C. Mann nas Américas viviam entre 40 a 60 milhões de pessoas que falavam 1200 linguagens diferentes, isso foi manifestado no seu livro “1491: Novas revelações das Américas antes de Colombo”, no mesmo livro também manifesta como eram as particularidades dos territórios em questão de como eles estavam organizados.

A invasão Europeia sob os territórios originários impactou o modo de vida e a cultura dessas comunidades.

Em que pese a brevidade do relato, é possível perceber que apesar das singularidades, as culturas dessa parte do mundo tinham muitas semelhanças, na crença da materialidade do ser, na relação harmônica com a natureza, na reciprocidade, no uso comunitário da terra, elementos que podem se relacionar de forma concreta com alguns dos princípios do socialismo/comunismo, como vamos observar mais tarde. (TAVARES, 2019 p. 86)

Além do extermínio, o apagamento de culturas fez com que a identidade cultural também fosse questionada. A cultura é uma construção social, são ideias e hábitos introjetados, símbolos e significados, podendo conter diversos grupos étnicos nessa mesma cultura. E a identidade também consideramos como construção social, mas sendo consciente, pega elementos da cultura que se identificam. Esses conceitos se cruzam e



Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

dialogam entre si, constantemente.

Portanto, quando sua história é apagada não é possível reivindicar uma identidade, sem saber de sua origem, é o que vimos hoje por exemplo, no Brasil com o processo de miscigenação.

No balanço geral do que restou, depois da invasão e ao longo do tempo, com a exclusão de direitos e genocídios por garimpeiros, na América Latina, o país que contém mais pessoas indígenas é o México (17 milhões) e o menor é o Uruguai (80 mil). Totalizando por toda América Latina, de acordo com censo da CEPAL (Comissão Econômica para América Latina), são 45 milhões de pessoas indígenas em 2010 e 826 povos indígenas, sendo o Brasil com 305 povos “seguido pela Colômbia (102), Peru (85) e México (78); no outro extremo, estão Costa Rica e Panamá, com nove povos indígenas cada um, El Salvador (3) e Uruguai (2).” (CEPAL, 2015 p. 42)

Também podemos observar o desaparecimento de etnias, por extrema fragilidade e vulnerabilidade de sobrevivência, além de muitos que estão ameaçados. No Brasil, por exemplo, constatou-se o risco de desaparecimento de 70 povos indígenas, representando 23% da população indígena no geral.

Se à fragilidade demográfica somarmos outros fatores de vulnerabilidade socioambiental e territorial, como os deslocamentos forçados, a escassez de alimentos, a poluição das águas, a degradação dos solos, a desnutrição e elevada mortalidade, para mencionar somente alguns, provavelmente a cifra de povos em risco de desaparecimento será muito superior. (CEPAL, 2015 p. 43)

Isso significa um enxugamento dos povos indígenas no mundo, no sentido que vão apagando costumes e comunidades, línguas que deixaram de ser faladas, além da própria produção de conhecimento, que foi secundarizado e desprezado, tornando tudo aquilo que não fosse pensamento, cultura, costume europeu, literalmente exterminado da realidade humana, a Europa ocidental, tomou o centro do mundo com seu domínio ideológico, político e cultural, e os demais povos tiveram que se adequar a essa “nova” realidade para sobreviverem.

Tão grave como os efeitos negativos da ocupação dos territórios indígenas e do saque aos seus recursos naturais, foi a ocupação das mentes dos povos indígenas com um pensamento reducionista, uma ocupação que provocou a subordinação dos saberes indígenas, que aniquilou as possibilidades de reconhecimento dos pensamentos indígenas como pensamentos socialmente efetivos, que eliminou muitas formas distintas de produção autônoma de conhecimento. (NEVES, 2008. Disponível em: <http://journals.openedition.org/eces/1302> Acesso em 10/06/2023)

Ainda temos muitos desafios para a preservação e sobrevivência dos povos indígenas. No Brasil a luta por demarcação é reflexo da invasão e colonização portuguesa no país. O capital e seus governantes estão jogaram esforços para aprovar o marco temporal para demarcar as terras indígenas, esse aprovado agora em 2023, aprofundando a barbárie sobre os povos originários, como se não tivessem antes da constituição de 1988 sua história de ocupação deste solo que hoje chamamos Brasil, mas que por muito mais tempo era terra livre e de ocupação indígena.

Como comprovar essa demarcação, sendo que muitos povos foram expulsos, exterminados e os que permaneceram não têm registros formais, até porque esse método de registro não pertence aos costumes indígenas?

Passamos por um período perigoso, de aprofundamento do apagamento cultural, de retrocesso na história. Todo território da América é indígena, o marco temporal tem que ser 1492, quando ocorre a invasão europeia e não por uma constituição que não representa esses povos!

### **Conclusão**

Esse artigo reuniu alguns fatos importantes para entender a trajetória da população indígena. Sua história, de antes do processo de invasão europeia, seus costumes e culturas, fazendo um deslocamento histórico de como era América Latina, antes da colonização, a chamada *Abya Yala*, portanto, desmistificar o que sempre nos contaram nos livros didáticos nas escolas, tratando os indígenas como folclore, apenas uma forma de vivência, é apagar culturalmente todo um continente carregado de costumes próprios e pluralidade de modos de vidas. Perceber os interesses que trouxeram Europeus com sua forma violenta de dominação, nos faz perceber que o bem material e financeiro, até hoje, é mais importante que vidas e preservações de cultura, por que a sociedade capitalista apenas visa o lucro e o domínio de poucos sobre muitos.

Mas é preciso estudar também as formas de resistência que fez com os povos indígenas vivessem e resgatem até a contemporaneidade suas raízes a necessidade de sobrevivência. Portanto, o Marco Temporal proposto aqui no Brasil é um retrocesso da preservação e resgate cultural e social dos indígenas, assim como um projeto que reforçará o extermínio indígena que já vivemos desde 1492! Precisamos resistir!



Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

## Referências Bibliográficas

BROWN, Dee. **Enterrem meu coração na Curva do Rio**. Tradução de Geraldo Galvão Ferraz. Porto Alegre: Editora L&PM, 2004.

COMISSÃO ECONÔMICA PARA A AMÉRICA LATINA E O CARIBE (CEPAL). Os Povos Indígenas na América Latina: avanços na última década e desafios pendentes para a garantia de seus direitos. Santiago, Chile. Organização das Nações Unidas, 2015.

COSTA, Camila. Como realmente era a América antes da chegada de Colombo. **BBC News Brasil**. 12 de out. 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=SSV1YvTarck>. Acesso em 30 de jun. 2023.

CUNHA, Manuela Carneiro da. **Introdução a Uma História Indígena**. O Mundo Indígena na América Latina. São Paulo: Edusp, 2018.

GALEANO, Eduardo. **As veias abertas da América Latina**. Tradução de Sergio Faraco. Porto Alegre: Editora L&PM, 2020.

LAS CASAS, Frei Bartolomé de. **O paraíso destruído: A sangrenta história da conquista da América**. 2º ed. Porto Alegre: L&PM, 2008.

MARX, Karl. **Contribuição à Crítica da Economia Política**. São Paulo: Expressão Popular, 2008.

MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. **A Ideologia Alemã**. São Paulo: Expressão Popular, 2009.

MARX, Karl. **O Capital: crítica da economia política (livro I)**. São Paulo: Boitempo, 2017.

NEVES, Lino João de Oliveira, «**Desconstrução da colonialidade: iniciativas indígenas na Amazônia**», *e-cadernos CES* [Online], 02 | 2008, 01 dez. 2008. Disponível em: <http://journals.openedition.org/eces/1302>. Acesso em 10 jun. 2023

QUIJANO, A. **Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina**. In *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas*. CLACSO, 2005.

RIBEIRO, Darcy. **As Américas e as Civilizações**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1970.

TAVARES, Elaine Jussara Tomazzoni. **Terra e Território na América Latina: o desafio indígena na era do capital**. 2019. Tese (Doutorado em Serviço Social) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2019.